

LIÇÕES DE UM LANÇADOR

Beth Mullally

Meu pai sempre foi o lançador em nossos jogos de beisebol no quintal. Ele obteve essa honra por dois motivos: primeiro, porque minha irmã e meu irmão não conseguiam dominar a bola na base do batedor e, segundo, porque correr atrás de uma bola rebatida com uma perna de madeira não era seu forte. Por isso, ele ficava sob o sol forte arremessando sem parar, enquanto nos revezávamos com o taco.

Ele dirigia nossos jogos com a autoridade de um treinador dos Yankees. Era o chefe e fazia exigências. Tínhamos que combinar as jogadas fora do campo, e acho que tive de dizer "não rebatida, não rebatida, não rebatida" por mais de cinco mil vezes enquanto crescia. Tínhamos que tentar ultrapassar os limites com a bola, não importava o tipo de arremesso que ele fizesse. Aquilo era beisebol, e, por Deus, só havia uma maneira de jogar: como os Yankees.

Rebater uma bola de meu pai não era fácil. Ele não era o tipo de homem que se preocupava com questões de autoestima, tentando fazer uma criança sentir-se segura ao rebater uma bola.

Não hesitava em nos tirar de um jogo.

- Você quer jogar ou não? - perguntava quando eu reclamava de seus rápidos arremessos.

Eu queria jogar bem, e quando, finalmente, conseguia me entender com a bola - puxa! - sabia que merecia acertar. Corria pelas bases com um sorriso no rosto e me virava para papai, que estava na posição do lançador. Ele tirava as luvas, colocava-as sob o braço e me aplaudia. Para meus ouvidos, aquilo soava como uma salva de palmas no estádio dos Yankees.

Anos mais tarde, meu filho estava aprendendo com meu pai as regras do beisebol. Nessa época, papai estava arremessando de uma cadeira de rodas, porque, por uma infelicidade médica, havia perdido a outra perna.

Mas nada havia mudado. Meu filho tinha que combinar as jogadas do lado de fora do campo e bater forte na bola. Quando reclamava que o arremesso era muito rápido, ouvia o ultimato:

- Você quer jogar ou não?

Ele queria.

Meu menino tinha nove anos de idade na primavera, antes de seu avô morrer. Jogaram muito beisebol naquela estação, e a velha ladainha de queixas de que papai arremessava rápido demais continuou.

- Mantenha os olhos na bola! - papai gritava para ele.

Finalmente, em uma tacada, ele conseguiu. Acertou bem o centro da bola, e ela voou diretamente para papai. Ele tentou agarrá-la, mas não conseguiu, e, nessa tentativa, sua cadeira tombou para trás. Em câmera lenta, vimos a cadeira cair e ouvimos o estrondo quando as costas de papai bateram no chão.

Meu filho ficou paralisado, sem reação.

- Não pare de correr! - meu pai gritou do chão. - A bola ainda está em jogo! Corra!

Quando meu filho conseguiu chegar na primeira base, virou-se para meu pai, ainda deitado no chão, e o viu tirar a luva, colocá-la sob o braço e aplaudi-la.